



REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Candomblé, e agora o que acontecerá? As religiões afro perante a intolerância religiosa¹

1. O texto é uma versão modificada e atualizada do artigo “O candomblé hoje: qual o futuro? As religiões afro diante da intolerância religiosa e da agressividade das igrejas evangélicas” (Il candomblé oggi: quale futuro? - Le religioni afro di fronte all'intolleranza religiosa e all'aggressività delle chiese evangeliche), publicado em *Viaggio brasiliano: storie, forme luoghi. Confronti interdisciplinari*. ATTI DEL CONVEGNO INTERNAZIONALE a cura di Luisa Faldini. Genova, Casa America, 13-15 marzo 2019, Edizioni del Gattaccio, Milano, 2020. O congresso em questão foi organizado pela Jacarandá, Associazione Interdisciplinare Brasilianisti Italiani, fundada por sete membros – docentes e pesquisados que se reportam às universidades de Gênova, Brescia e Veneza e que vêm de diferentes disciplinas, como etnoantropologia, história, literatura – que se ocupam das dinâmicas a respeito do Brasil: as religiões, a emigração italiana e africana, os problemas da tradução linguística e cultural, os processos de construção do estado e da nação, a realidade indígena e as obras das organizações não governamentais. A associação, que não é somente acadêmica, mas também aberta a músicos, jornalistas escritores, botânicos, tradutores, cineastas e todos aqueles que, na Itália e no exterior, tratam do Brasil com interesse e competência, propõe-se justamente a contribuir ao combate dos muitos preconceitos em torno do “país maravilhoso”. Outros propósitos muito importantes, voltados e relacionados ao compromisso prioritário, são: favorecer o estudo e a pesquisa voltados e relacionados aos países sul-americanos, promover a formação de estudiosos e estudantes interessados no Brasil e favorecer novas produ-

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Bruno Barba

Dr. Bruno Barba²

Tradução de Rodrigo Garcia Manoel³

Resumo: o artigo, fruto de uma pesquisa de campo de trinta anos realizada sobretudo no estado de São Paulo, busca uma reflexão sobre o futuro do candomblé. Será a valorização da relação entre orixás e elementos da natureza o ponto de inflexão que permitirá a sobrevivência e até mesmo o fortalecimento desses cultos?

Palavras-chave: religiões afro-brasileiras; candomblé; racismo; política; intolerância religiosa.

ções científicas ou de grande divulgação, valorizando as já existentes.

2. Pesquisador e professor do Departamento de Ciências Políticas (DISPO) da Università degli Studi di Genova, do qual é membro das Comissões de Planos de Estudos, autor da tese *Sincretismi religiosi afro-americani nello Stato di San Paolo, Brasile*.

3. Mestre e doutorando em Letras pela FFLCH-USP. E-mail: rodrigo.manoel@usp.br.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Candomblé, e agora o que acontecerá?

Como nos primeiros anos do século XX, as religiões afro-brasileiras deparam-se com um perigo iminente, qual seja, a intolerância religiosa, uma intolerância que vê os evangélicos promoverem uma espécie de “guerra santa” contra os orixás.

As análises contidas no artigo, ao se referirem a um período delicado à sociedade brasileira, isto é, o momento da eleição presidencial de Jair Bolsonaro e os primeiros meses de seu governo, são o fruto de uma experiência de trinta anos no país.

E é propriamente essa visão diacrônica que pode permitir algumas reflexões sobre o impacto que as religiões afro-americanas tiveram na sociedade e na cultura brasileira nas últimas duas décadas do século XX; sobre a situação atual, fortemente caracterizada pela ascensão constante e aparentemente irrefreável dos cultos evangélicos; sobre o futuro, que para muitos observadores parece sombrio, do candomblé e de outras religiões sincréticas de origem africana.

Sabe-se que os cultos afro, pelo menos a partir dos anos 1970, tornaram-se transversais, interessando diferentes estratos sociais e culturais, não sendo, portanto, somente um ponto de referência étnica para as pessoas afrodescendentes. Desde então os orixás têm se “preocupado” em participar e se envolver nas questões práticas da vida neste mundo; agora, sob cerco,

Dr. Bruno Barba

demonizados, perseguidos, bem como seus fiéis, como poderão cumprir a tarefa de apoio espiritual, cultural e prático?

No curso de minha primeira experiência brasileira, em 1990, movido por um entusiasmo talvez um pouco ingênuo, não pude deixar de notar a força persuasiva de um movimento que não era simplesmente religioso: o candomblé me parecia à época imanente a tudo que eu percebia como “Brasil”. A literatura de Jorge Amado, que mostrava aos leitores profanos o mundo colorido da Bahia e das mães de santo; Caetano Veloso e Gilberto Gil, que cantavam sobre a redenção dos negros, sobre as realizações das divindades, das cidades encantadas; e também Dorival Caymmi com outras músicas, Carybé e sua arte dos orixás, Pierre Verger com suas palavras e, acima de tudo, suas imagens fortes e vivas. Era uma utopia realizada aquele Brasil um pouco ingênuo, “o país do Carnaval”⁴, da convivência civil e religiosa, do encanto mestiço, das religiões sincréticas que dialogavam entre si, trocando divindades e rituais.

Tantas coisas mudaram desde então.

4. É o título de muito sucesso do primeiro livro de Jorge Amado, *O país do Carnaval* (José Olímpio: Salvador, 1931, tradução italiana Grazanti, Milão, 1984).

Candomblé, e agora o que acontecerá?

Hoje, trinta anos depois, o destino obrigatório para quem quiser aprender o que é a religiosidade dos brasileiros, qual deve ser sua devoção, qual a sua participação e dedicação, não é mais o suntuoso candomblé de Mãe Sylvia, em São Paulo, terreiro para o qual me dirigi porque também havia sido visitado por meu concidadão Umberto Eco, mas sim o monumental Templo de Salomão, construído pela Igreja Universal do Reino de Deus no bairro do Brás, em uma área três vezes maior que a área onde foi construída a basílica mariana de Aparecida.

Evidentemente, algumas igrejas pentecostais, em particular aquelas que podem se gabar por ter mais adeptos, como a Assembleia de Deus ou a Igreja Universal do Reino de Deus, erigem megaigrejas, ou “megacatedrais”, em áreas de grande concentração como estratégia para marcar sua identidade no território e no espaço urbano.

Diversas são as chaves para entender as razões de uma inserção tão forte.

As referências religiosas dos evangelistas – à exceção do Papa e os santos católicos – são comuns ao cristianismo: Cristo, a Bíblia, deus onipotente e onipresente, o demônio, a cura, a magia, que é muito presente no catolicismo popular, a di-

Dr. Bruno Barba

mensão festiva. Ademais, existe a promessa de resolução dos problemas cotidianos por meio do pagamento de dízimos e oferendas, que em algum sentido se assemelham às “macumbas” das religiões “afro”. Mas, enquanto os comportamentos dos filhos de santo, dos pais e das mães de santo e dos próprios orixás sempre foram estigmatizados, por meio de acusações de bruxaria, “magia negra”, fetichismo, sacrifícios de sangue, as práticas dos evangélicos são muito bem-vindas. Por esta razão se fala hoje em intolerância religiosa, em discriminação contra as religiões afro, acusadas sobretudo de praticar o sacrifício ritual de animais, que o povo de santo começou a chamar estrategicamente “abate religioso”.⁵

O sociólogo Ricardo Mariano está entre os estudiosos mais atentos às mudanças religiosas, sobretudo quanto à ascensão das religiões evangélicas. “Ao contrário do candomblé, religião em que cada líder possui autonomia quase total”, conta-me Ricardo em um chuvoso dia paulistano,

5. Ou “matança ritual”.

Candomblé, e agora o que acontecerá?

os evangélicos estão organizados em uma verdadeira “bancada”, um tipo de *lobby*, que é bem-sucedido, e também faz valer sua própria voz no parlamento. Na verdade, é grande a concorrência também entre os evangélicos, mas as cinco maiores igrejas – Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Congregação Crista, Igreja do Evangelho Triangular, e Deus e Amor – reúnem praticamente 50% dos pentecostais brasileiros. A concentração é, portanto, muito grande. Segundo o último censo do IBGE⁶ – estamos no aguardo pelo de 2020 –, 12 milhões de brasileiros aderiram à Assembleia de Deus em 2010, considerada a maior da América Latina. De acordo com pesquisa do Instituto Datafolha de 2017, 32% da população (o que corresponde a 66 milhões de brasileiros) é evangélica; e aí estão os pentecostais (80%) e os protestantes históricos (20% restantes).

Quem pratica o candomblé tem o direito de se sentir ameaçado por várias partes e por uma série de razões. Entre elas, algumas parecem menos significativas.

“Uma época”, continua Mariano,

6. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dr. Bruno Barba

os traficantes do Rio de Janeiro usavam os terreiros e os orixás, a começar por Exu, para ter proteção e cobertura. Hoje essa função é das igrejas pentecostais; e todos sabem que muitos jogadores de futebol, incluindo os da seleção, fazem em campo suas orações a Deus. As igrejas pentecostais, que se apresentam em diferentes modalidades e denominações, sempre em busca de legitimidade, visibilidade e reconhecimento, nos últimos vinte anos têm se apossado das periferias e regiões metropolitanas. Trata-se de um fenômeno de massa, periférico, no sentido de obter adesão majoritariamente entre os mais pobres e menos escolarizados e conquistar sobretudo aqueles que o IBGE denomina “pardos”⁷.

Desde que Bolsonaro foi eleito, em fins de 2018, é evidente como algumas posições – sobre gênero, homossexualidade, “escola sem partido”⁸, reivindicações feministas e LGBT, aborto, armamento da população – seguem aquelas da direita

7. Ou mestiços.

8. “Escola sem partido”: segundo essa teoria, na escola haveria uma doutrinação marxista e uma difusão da ideologia de gênero que perverte a criação divina e a natureza, corrompe as crianças e tenta destruir a família tradicional brasileira, homossexualizando-a.

Candomblé, e agora o que acontecerá?

cristã norte-americana dos anos 1980. E os evangélicos tornaram-se os protagonistas dessa política.

É indubitável que o candomblé está vivendo um momento difícil também por outras razões.

Pai Armando Vallado, dirigente de um terreiro que soma um discreto número de acadêmicos entre seus adeptos, lamenta o fato de as novas tecnologias interferirem até na relação bem consolidada, nos procedimentos aparentemente imóveis há séculos, entre o sacerdote e o adepto. “Antes a transmissão era puramente oral”, ele me diz,

ao passo que hoje se utiliza até *WhatsApp* para tentar a resolução de problemas que requeriam muito mais tempo, muito mais reflexão. Não tenho preconceitos contra o uso da internet, mas o problema é que qualquer ritual pode ser solicitado, todo trabalho, imposto, toda questão, resolvida por meio da rede.

Paula Azar, jornalista e filha de santo *sui generis*, como ela se define, admite que o candomblé está vivendo uma fase de empobrecimento cultural.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dr. Bruno Barba

As pessoas estão perdendo, negligenciando, esquecendo suas bases culturais, sentindo-se perdidas e, por isso, estão buscando novos caminhos espirituais. As classes mais desfavorecidas da sociedade já pertenceram ao candomblé; hoje dá-se o contrário, na Bahia como aqui em São Paulo é uma elite que segue a religião dos orixás. Com relação ao passado, faltam líderes, o clima mudou, a visibilidade diminuiu, hoje o candomblé se transformou em alvo ideal em um mercado religioso muito competitivo, no qual a luta pelo proselitismo é aguerridíssima.

▪ Sobre isso também discorre Edna Roland, psicóloga, ativista cultural e importante ponto de referência para o movimento negro no Brasil:

A questão da perda de crédito das religiões afro é um tema central neste momento. O crescimento das igrejas pentecostais, principalmente daquelas mais agressivas, que apresentam um projeto de poder e se articulam politicamente, com bastante representação no parlamento, tem causado ataques indiscriminados a terreiros e pessoas, a destruição

Candomblé, e agora o que acontecerá?

de várias casas, de assentamentos⁹, de objetos sagrados. Trata-se de um problema nacional, com denúncias relacionadas, mas somente no Rio de Janeiro já se verificaram mais de mil casos. Trata-se de ações violentas, frequentemente relacionadas à lógica da homofobia¹⁰.

Por outro lado, o candomblé está enfrentando o tema da modernidade e da mudança não completamente despreparado. Afinal, a plasticidade e a adaptabilidade sempre foram fundamentais à resistência, à sobrevivência e, depois, à difusão do culto. “Estar sob ataque”, continua Edna,

■

a longo prazo poderia se transformar em vantagem, pois obriga os adeptos a uma unidade de propósito que nunca aconteceu; para continuar com nossas reivindicações, somos obrigados a buscar alianças. São desafios, como aquele que tem reunido tantas casas em torno da questão do sacrifício, com manifestações públicas de grande visibilidade.

9. Os altares pessoais construídos em honra dos vários orixás.

10. Dentro dos terreiros de candomblé, os homossexuais não são discriminados.

Dr. Bruno Barba

Mudou, neste íterim, e de modo drástico, também a forma de perceber a religião afro-brasileira. À parte um restrito grupo de estudiosos que se dedicam à observação intensiva, a maioria parece se interessar cada vez menos pela estrutura, pelos rituais, pela devoção presentes nos terreiros; a nova fronteira de pesquisa é a relação – político-cultural, em termos de exclusão social – que a religião e seus adeptos entrelaçam com a realidade do país. Questões de gênero, marginalização social, criminalidade e racismo em sentido geral interferem na percepção, aceitação e difusão das religiões afro, especialmente no contexto atual. A intolerância, isto é, a relação existente entre o candomblé e as outras religiões praticadas no Brasil tornou-se – ou melhor, voltou a ser, como na época das perseguições do início do século XX – o tema central de toda investigação.

Certamente, como muitos dizem, e Edna confirma, é difícil prever o futuro. Mas é provável que o candomblé sobreviverá; com efeito, ante o uso inadequado das novas tecnologias, diante do contínuo processo de “dessacralização” – o “desencanto do mundo” de memória weberiana –, apesar da agressividade das igrejas evangélicas, o desafio improvável poderia ser vencido com a promoção do grande poder de sedução do can-

Candomblé, e agora o que acontecerá?

domblé, com o valor de sua palavra, com a troca de energia, com aquelas sugestões que se transmitem através da música.

No Rio de Janeiro trabalha, no sentido de que estuda, instrui e faz performances teatrais, Zeca Ligeiro. Ele me recebe em seu romântico e decoroso escritório da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em uma sugestiva construção que evidentemente requer uma completa restauração, logo abaixo do célebre Pão de Açúcar. Sua análise é tão eficaz como polêmica.

Acabou a época da “glamourização” do movimento afro, iniciada no tempo de Carmen Miranda, no fim dos anos 1930, com o lançamento de “O que é que a baiana tem?”. Hollywood apossou-se daquela mensagem que se referia à mulher exótica, atraente e mística; em seguida foi Walt Disney a se apossar em primeira mão e veicular posteriormente um imaginário que valorizava também a figura do malandro. Então, nos anos 1960, a religião também transmite um grande impacto emotivo graças à presença e à ação na cena musical e cultural de artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Maria Bethânia. Eles se proclamam adeptos do candomblé, ainda que não sejam afrodescendentes; muitos antropólogos e sociólogos “descobriram” literalmente o candomblé e sua força sedutora, permitindo-lhe alcançar o *status* de religião verdadeira e autêntica, fazendo-o sair definitivamente da

Dr. Bruno Barba

categoria de seita. A religião católica, que havia perseguido as religiões negras por muitos séculos, oferece uma trégua. Foi um período de aceitação e proliferação que durou até o fim do século XX, ainda que a mídia tenha chegado a sensacionalizar e enfatizar, talvez excessivamente, o escopo da herança africana. O certo é que, a partir do início dos anos 2000, começou, ou talvez seja melhor dizer recomeçou, uma certa intolerância religiosa, desta vez não por causa dos temores da religião católica, que temia perder fiéis, mas por causa da proliferação das igrejas evangélicas pentecostais. A umbanda parece causar menos incômodo, trabalha mais com a questão da cura, não contempla o sacrifício de animais, em suma, é mais tolerada, às vezes não usa tambores, mas apenas palmas, e para sobreviver elimina a palavra umbanda no centro de culto.

O candomblé, contudo, a partir dos anos 1930, cessou o disfarce e afirmou-se como verdadeira expressão de africanidade¹¹; os adeptos, em vez de se esconderem, mostram com orgulho seus próprios colares com as cores dos vários orixás, saem às ruas com as vestimentas africanas, os abadás; não

11. Sobre isso os pesquisadores discutem há algum tempo: considerando-se o sincretismo religioso, é correta essa reivindicação de origem africana? Não seria o caso, talvez, também nesse caso, de um risco de obsessão identitária?

Candomblé, e agora o que acontecerá?

deixam mais de afirmar com orgulho a própria identidade. “Atenção”, continua Zeca,

é justamente essa reivindicação que não é tolerada por uma parte da igreja evangélica e uma parte considerável da população brasileira, rica em preconceitos contra o negro. Creio que há uma claríssima associação entre a afirmação da negritude e o candomblé.

A religião de matriz africana está, portanto, sob ataque. A situação é bastante complicada e aparentemente sem saída, porque, como delineia o professor-artista Ligeiro, “O candomblé não é uma religião midiática, mas iniciática, calcada na devoção e no segredo.” Para fazer uma comparação rápida, o terreiro lembra mais um templo budista ou uma igreja cristã do que aqueles templos suntuosos onde se prega e grita. Os adeptos não distribuem santinhos pela rua; não se trata, enfim, de uma religião de massa, nem de uma “rede que mistura religião e negócios”¹².

12. A referência é a respeito do escândalo que envolveu os responsáveis pelo hos-

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Bruno Barba

Na verdade, até os adeptos do culto africano beneficiaram-se quando chegou o momento do apoio político. “Há trinta anos”, diz-me Fred, filho de santo e empresário,

que o *mainstream* era ligado à religião do candomblé. Eram os anos de Antonio Carlos Magalhães, importante personagem político que não fazia nada sem parecer ter consultado primeiro o oráculo. Outras personagens políticas também respeitavam e até simpatizavam-se com os orixás e os rituais afro. O poder, então, facilitava a existência do candomblé, criava os famosos “tombamentos” do patrimônio histórico, isto é, blindava muitos terreiros considerados sagrados para que ali fosse possível praticar a religião. Esse vínculo sagrado não existe mais. Ou, melhor, existe, mas é apanágio de outro culto.

Hélio Silva Júnior, autor daquela vigorosa defesa do sacrifício religioso de que falaremos, manifesta preocupação com o futuro.

pital do Rio de Janeiro por cargos públicos oferecidos aos féis em agosto de 2018 pelo prefeito, evangélico.

Candomblé, e agora o que acontecerá?

O discurso de ódio religioso está penetrando infelizmente em vários níveis. O povo de santo reagiu com atraso indesculpável. Tenho muito receio do futuro do Brasil por causa do grau de penetração do discurso de ódio religioso. Todo dia nasce uma igreja neopentecostal no Brasil, e cada uma delas reproduz o mesmo discurso, dirigindo contra milhares de terreiros e milhões de fiéis das religiões afro a acusação de serem a materialização do mal. Mas não é só isso. Estamos assistindo, quase inertes, a uma crescente apropriação do espaço público por parte de fiéis neopentecostais que pensam poder privatizar todas as estruturas – escolas, hospitais – a serviço do próprio culto.

Mas se no interior de cada templo de qualquer religião, na reunião restrita de poucos fiéis, toda visão e posição pode ser considerada legítima, o problema surge quando esse ódio se torna fato público, difundido e propagado pela mídia e o serviço público. Com efeito, todo dia, e a todo momento, vão ao ar centenas de programas com o mesmo discurso contra a macumba. “Nenhuma crítica”, continua Hédio, “se dá contra os ateus, os católicos, os agnósticos, os muçulmanos ou os judeus. Trata-se de um ataque exclusivamente direcionado contra a macumba.”

Dr. Bruno Barba

É preciso evitar o risco de simplificações, ainda mais quando se tenta uma análise antropológica. Um silogismo, todavia, não escapa aos olhos. Se as religiões afro, não obstante terem no passado tido relevante penetração cultural, são hoje marginalizadas, se, como dizem todos os dados dos vários censos, o percentual de adeptos mantém-se quase irrelevante em relação à massa da população brasileira, se foram sempre tidas (e consideradas) como pacíficas, ou qualquer outra denominação menos agressiva como todos os politeísmos, qual será a razão dessa perseguição e demonização se não algo a ver com a obsessão identitária?

Alguns dados são particularmente interessantes, à espera do aguardado censo de 2020. Em 2018, segundo o *Datafolha*, o instituto de pesquisas pertencente ao Grupo Folha, assim se dividiam as afiliações religiosas:

- Católicos: 50,1%
- Evangélicos pentecostais: 21,6%
- Evangélicos não pentecostais: 7,3%
- Espíritas: 2,2%
- Afro-brasileiros: 1,6%
- De outras religiões: 1,9%

Candomblé, e agora o que acontecerá?

- Sem religião: 14%
- Ateus: 1,3%.

Novamente, um dado aparece com grande evidência: ou seja, as religiões afro, apesar de ainda e sempre gozarem de grande visibilidade em virtude de sua influência na vida cultural do país, são minoritárias.

E então? Como comentar essa situação? Sabe-se que o caminho para a construção da identidade brasileira foi pavimentado por um percurso contraditório e difícil. O “mito das três raças” (DAMATTA, 1979, p. 58), que atestaria uma convivência pacífica entre as três matrizes diversas, é um mito arraigado que, no entanto, mais de um cientista social tentou rebater. Hoje, em quase todo o mundo estão se estabelecendo posições de ordem etnocêntrica, nacionalista, racista; é surpreendente que isso aconteça até nas Américas, de norte a sul, subcontinentes que fizeram do encontro seu valor, sua marca. Esses atos de intolerância podem ser lidos sob essa ótica, isto é, como uma ênfase, forte e convincente, para reafirmar relações de poder que não queremos discutir e, muito menos, derrubar. Ao candomblé, aos adeptos afrodescendentes, àqueles intelectuais progressistas que de vários modos – como iniciados ou

Dr. Bruno Barba

estudiosos – defendem os rituais, o sentido e a dignidade – era necessário, enfim, enviar uma mensagem explícita.

A Constituição brasileira defende a igualdade de todas as crenças religiosas, o pluralismo de ideias e cultos. O pilar que sustenta a cultura mestiça brasileira sempre foi a defesa da paz e da convivência harmoniosa. Sim, mas e agora?

No ar

■ É evidente que a concorrência entre católicos e pentecostais ultrapassou o campo religioso e agora esta se dá na esfera midiática e política. O sagrado, aquele sagrado que parecia cobrir o Brasil como um unguento mágico, parece matizado, não penetra mais. “A religião”, argumenta Reginaldo Prandi, “não acaba com e na relação entre o fiel e o sagrado”. Existe desde sempre a preocupação de toda igreja em participar das coisas deste mundo. A perspectiva é de atuar *hic et nunc*, aqui e agora. É sempre necessário “repensar” a religião, adaptá-la a uma nova forma de participação.

Os pentecostais, anteriormente discriminados pela religião católica, certamente têm méritos: entres eles, o primeiro

Candomblé, e agora o que acontecerá?

foi ter feito parte do processo de redemocratização do país, veículo ativo de abertura.

Permitiram que se afirmasse, a partir dos anos 1980, o “modelo pluralista”, que levou a melhor sobre o “sincrético-hierárquico”, que preconizava ao modelo baiano uma relação de pertença religiosa não exclusiva, com aceitação da hegemonia institucional católica (MARIANO, 2011, p. 248).

Entretanto, a laicidade brasileira não dispõe de uma grande tradição cultural, pois os evangélicos, como antes os católicos, sempre se organizaram e mobilizaram, interferindo na esfera pública. A consequência é que não somente o poder religioso, mas também o econômico, midiático e político – estruturado em *lobbies* próprios e reais –, está bem seguro em suas mãos. É como se as fronteiras entre público e privado e entre religião e política estivessem se rompendo.

Como, então, as religiões africanas poderiam sobreviver neste contexto?

“Não conheço uma religião mais vitoriosa”, disse-me Hélio Júnior.

Ela atravessou o Atlântico. Enfrentou no passado o código penal, a força da polícia, a mo-

Dr. Bruno Barba

ral estabelecida. Lamento o papel devastador da intolerância religiosa, mas não sou pessimista a respeito da força do candomblé e sou otimista sobre sua capacidade de resistência.

A palavra mágica talvez seja “equilíbrio”. Diante do fanatismo, diante do culto gritado – “Deus não clama”, me disse uma filha de santo; diante da violência, da presunção, da prevaricação no combate a todo fundamentalismo, o caminho não pode ser outro que não o da tranquilidade, da serenidade, do retorno às raízes, não em nome de uma pretensa imobilidade, mas sob a ótica de uma modernização do conceito de meio ambiente, de natureza. Um banho de humildade, de igualdade, de redescoberta de ideais não capitalistas, não ligados à riqueza e ao consumo, mas antes ao valor sagrado do candomblé. É preciso atentar à extraordinária riqueza cultural de um mundo que não vale a pena perder, ao grau de acolhimento que a religião oferece em relação a tantas outras, a suas marcas identitárias, como o acarajé¹³.

13. É o famoso bolinho de feijão frito em óleo de dendê e recheado com camarão e molhos apimentados, que as formosas e sorridentes baianas preparam na rua para os habitantes locais e turistas. Originalmente, essa, que se tornou a comida de rua

Candomblé, e agora o que acontecerá?

Ainda assim, não se pode ignorar isso: a ascensão histórica das religiões afro e a penetração de muitos traços derivados das tradições africanas – dança, música, culinária, estética em geral – incomodaram bastante nas últimas décadas. Associar a atual forte tentativa de discriminação a uma forma mais ou menos velada de racismo é tudo exceto arbitrário: enquanto os negros ficam em seu canto, não lutam por seu reconhecimento social, pela obtenção de posições na universidade ou em cargos públicos, são amigos. Quando adquiriram confiança, consciência e conhecimento, como aconteceu entre os anos 1980 e 90, começaram a incomodar. Logo, seus cultos voltaram a ser primitivos e demoníacos. ■

Sacrifício: um pretexto?

O sacrifício de animais, entre outros assuntos, catalisa o interesse de quem ataca as religiões afro, o que serve de pretexto para discriminação, ou, ao contrário, para ser utilizado

mais famosa do Brasil, era oferenda exclusiva para a divindade Iansã.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dr. Bruno Barba

pelos defensores da fé nos orixás como elemento “enobrecedor” do culto.

Muitos são de fato os líderes evangélicos que enfatizam, de modo totalmente arbitrário e incorreto, o suposto caráter maligno, “demoníaco”, violento e primitivo do sacrifício animal, associando o ritual ao atraso, à superstição, enfim, a tudo que esteja pejorativamente associado aos termos “magia negra” e, especificamente, neste caso, “macumba”.

Mas como reagiram e ainda reagem os adeptos a essas graves acusações? Pela clareza, deve-se dizer que, pelo menos do ponto de vista legislativo, a situação parece resolvida, sobretudo graças ao trabalho do advogado Hédio Silva Junior, que conheci em sua chácara no interior do estado de São Paulo. O Supremo Tribunal Federal (STF) estabeleceu, por meio de uma sentença de março de 2019, que a oferta de alimentos, incluindo-se aqueles adquiridos através do sacrifício animal, é parte indispensável do ritual das religiões de matriz africana. Impedir a sacralização seria uma clara interferência na liberdade religiosa, liberdade sancionada no artigo V da Constituição.

Além disso, segundo os detratores do abate religioso, haveria outro motivo que deveria evitar, ou pelo menos dificultar, a prática, sancionado em outra passagem da Constituição

Candomblé, e agora o que acontecerá?

Federal¹⁴, qual seja, aquele relativo à proteção da flora e da fauna locais “eventualmente submetidas ao risco de extinção ou de práticas cruéis”. Isso esclarecido, é preciso dizer que a maior parte dos entrevistados sobre o tema – pertencente em sua maioria ao povo de santo –, sublinhou como o abate religioso praticado nos terreiros das religiões afro é obra de verdadeiros especialistas¹⁵, a carne dos animais é quase consumida por completo pelos adeptos¹⁶, e, por fim, o volume de “vítimas” é irrisório em comparação ao da carne abatida pelo modo *halal* e que alimenta uma parcela significativa das exportações de carne brasileira para os mercados de países de maioria islâmica.

Abordagem curiosa, apelo significativo a uma religião – a muçulmana – que por aqui evidentemente consideram, de alguma maneira, “superior”. Os adeptos do candomblé,

14. Exatamente o artigo 222, parágrafo 1º, inciso VIII.

15. Sacerdotes e axogum são ogãs preparados a fazer o sacrifício com facas e gestos absolutamente adequados para não fazer os animais sofrerem.

16. Nesse sentido, o banquete ritual que sucede às cerimônias não é apenas um importante ato de comunhão entre humanos e divindades, mas também em muitos contextos uma das raras ocasiões em que é possível comer carne ou proteínas animais.

Dr. Bruno Barba

em outros termos – evidentemente sem saber das polêmicas em curso em grande parte do Ocidente a respeito das polêmicas e denúncias de “usos bárbaros” de certos povos que praticariam religiões diversas e desrespeitosas ao decoro¹⁷ – procuram se defender por meio de uma argumentação que soa *grosso modo* assim: “por que perseguem nosso ritual se até mesmo os adeptos daquela nobre religião monoteísta que é o Islã sacrificam animais?”.

O problema é comunicar ao mundo, à opinião pública – refiro-me obviamente àquela parte da população não diretamente envolvida ou que não teve a oportunidade de estudar os rituais – que as divindades são homenageadas com oferendas de comida e que essa comida consiste, além dos vegetais, da carne que deve ser “sacralizada” através de severos e precisos preceitos que se perdem nas noites do tempo.

17. A referência é para os muitos pronunciamentos de muitos políticos importantes que nos últimos anos se manifestaram a esse respeito com frases desdenhosas, após denúncias de associações de direitos dos animais. A esse respeito, ver http://www.ansa.it/canale_ambiente/notizie/animali/2018/08/22/macellazione-per-festa-sacrificio-denunce-e-polemiche_20a19edc-7a2b-48e5-8333-84fdf630fa4b.html.

Candomblé, e agora o que acontecerá?

É inútil frisar como a questão do sacrifício já foi e ainda é usada – há quem diga arbitrariamente – como pretexto para fortes reivindicações de identidade.

O racismo hoje

A maior parte das pessoas pertencentes às religiões afro-brasileiras enfatiza como os terreiros acolhem todas as origens e diversidades, inclusive políticas, no entanto, pelos motivos aludidos, não é difícil encontrar um empenho ativo, sobretudo dos afrodescendentes, na oposição às políticas do presidente Jair Bolsonaro. Já no verão de 2018, às vésperas das eleições, foi produzida uma “carta coletiva contra Bolsonaro”: a reivindicação prioritária referia-se, obviamente, ao “racismo religioso”, contra “uma grande parte da população obscurantista que ainda nos discrimina”. A carta prosseguia lamentando o avanço do neopentecostalismo, em particular da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), encabeçada pelo bispo Macedo, “o ódio às nossas tradições, incentivado através da mídia e da bancada evangélica” e a ameaça representada pelos “traficantes de Jesus”. A parte especificamente política da carta sublinhava

Dr. Bruno Barba

como “racismo, fanatismo, obscurantismo, terrorismo e violência contra quem não é seu reflexo no espelho” eram atitudes atribuíveis ao comportamento do candidato, como se pode ver em numerosos vídeos e entrevistas disponíveis na rede.

A candidatura de Bolsonaro, em outras palavras, teria institucionalizado a violência e a política contra “qualquer ideia ou prática diferente da sua”. Novamente, foi imputada a Bolsonaro uma declaração contra a laicidade do estado, que é cristão e, portanto, toda minoria deve submeter-se a essa realidade¹⁸.

■ Se Bolsonaro tiver um mérito, é o de ter desmascarado o mito da convivência pacífica, que ainda conserva sua eficácia persuasiva, mas que possui também uma força explicativa para compreender a peculiaridade do “caso Brasil”. Sabemos que o racismo brasileiro é um tipo de peso inconfessável, de modo que a imagem que a sociedade brasileira e até o estado querem transmitir e impor é a da democracia racial, da igualdade entre os grupos diferentes. Por isso, muitas vezes, a propósito

18. 18 de setembro de 2018. Ver a página do Facebook intitulada *Terreiros Contra Bolsonaro*.

Candomblé, e agora o que acontecerá?

da democracia racial proposta pela leitura de Gilberto Freyre (1933), fala-se em mito: foi uma construção destinada a dissimular a real desigualdade entre brancos e negros no início do século XX.

Diferentemente do que ocorre na Europa, o conhecimento da história e, portanto, a consciência da presença de um racismo rastejante, estrutural, fez muitos intelectuais e muitos representantes da cultura brasileira não se resignarem ao *status quo* e, de fato, reagirem. Em suma, queremos nos libertar desse racismo, porque existe a clara percepção de que o combate desse tipo de barbárie tem um sentido civilizatório. Que o silêncio, enfim, seja cúmplice.

No Brasil, diz-se que “os pobres é que são discriminados, não os negros”. O fato é que o racismo é um demônio onipresente e interno, quase intrínseco – não escrevi inevitável –, no homem.

E hoje, mais que nunca, em todos os lugares, até na Itália, há mil faces desse racismo, mil ocasiões para se manifestar.

Kabengele Munanga, antropólogo de origem congoleza entre as vozes de maior autoridade sobre o tema do racismo na sociedade brasileira, destaca como “todos os racismos são abomináveis e cada um faz vítimas de uma forma. O brasileiro

Dr. Bruno Barba

não é pior ou melhor que os outros, simplesmente apresenta suas peculiaridades....”. Entre estas, aquela que faz dele “um crime perfeito”, isto é, aquele que mata duas vezes:

primeiro, fisicamente, como mostram as estatísticas do genocídio da juventude negra em nossas periferias: mata na inibição de manifestar a consciência de todos, brancos e negros, sobre a existência do racismo em nossa sociedade. (RAMOS; FARIA, 2012)

■ Um racismo implícito e, apesar de tudo, nunca institucionalizado ou oficializado por explícitas referências à pureza do sangue, como aconteceu na Alemanha nazista ou no apartheid da África do Sul.

O tema do racismo está ligado mais diretamente do que parece às políticas de Bolsonaro. Em maio de 2019, muitas cidades viram a participação de milhões de cidadãos protestando contra as medidas implementadas pelo novo governo, com o corte substancial dos fundos para pesquisa e para as universidades e a retirada de milhares de bolsas de estudo.

“Após quase três décadas como parlamentar”, escreve o sociólogo Renan William dos Santos na revista *Reset*,

Candomblé, e agora o que acontecerá?

Bolsonaro apresenta-se como alternativa ao *establishment* do qual fariam parte a maior parcela dos políticos e dos partidos tradicionais, os meios de comunicação, os intelectuais e os acadêmicos. Segundo a visão dele, o predomínio da ideologia de esquerda no ambiente intelectual seria responsável pela diminuição da qualidade de ensino e da produção acadêmica no país. (SANTOS; JÁCOMO, 2019)

E não é só isso, aqui nos aproximamos das temáticas que têm a ver com a discriminação:

[...] cotas raciais, ensino obrigatório de sociologia e filosofia no ensino médio, além da educação sexual no ensino fundamental, apenas para citar alguns exemplos, seriam as ferramentas utilizadas para a doutrinação de novas gerações, perpetuando uma hegemonia cultural de esquerda e deteriorando os “autênticos valores cristãos da sociedade brasileira.

Estão sob acusação, portanto, os estudiosos das ciências humanas – vistos como comunistas, ateus e, no limite, “fetichistas”.

O povo de santo espera que Deus, ou melhor, os orixás salvem o Brasil de uma nova era das trevas.

Dr. Bruno Barba

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, R. de. Dez anos do “chute na santa”: a intolerância com a diferença, in Silva, Vagner Gonçalves da (Org.), *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. Edusp, São Paulo, 2007, p. 57-63.
- BASTIDE, R. *O candomblé da Bahia: rito nagô*. Companhia das Letras: São Paulo, 2001.
- BIRMAN, F. *Fazer estilo criando gêneros: possessão e diferenças de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro*, EdUERJ/Relume Dumará: Rio de Janeiro, 1995.
- BRAGA, J. *Na gamela do feitiço: repressão e resistência nos candomblés da Bahia*. Salvador: CEAO/Edufba, 1995.
- CARNEIRO, E. *O candomblé da Bahia*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1947.
- CARVALHO, M. S. de. Guerra santa no país do sincretismo. *Cadernos do ISEB*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-104, 1990.
- COELHO, J. B. B.; Oliveira, L.P.S.; Lima, K.J.M. Sacrifício ritual de animais não-humanos nas liturgias religiosas de matriz africana: ‘medo do feitiço’ e intolerância religiosa na pauta legislativa. *Revista Brasileira de Direito Animal*, Salvador, v. 11, n. 22, p. 53-82, 2016.
- COROSSACZ, V. R. *Il corpo della nazione*. Classificazione razziale e ges-

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Candomblé, e agora o que acontecerá?

- tionone sociale della riproduzione in Brasile. Roma: Cisu, 2004.
- FREYRE, G., *Casa-grande e senzala. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Maia & Schmidt: Rio de Janeiro, 1933.
- FRY, P. Duas respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo. *Debate & Crítica*, São Paulo, n. 6, p. 79-94, 1975.
- LIGIÉRO, Z. *Corpo a Corpo*. Estudo das performances brasileiras. Garamond: Rio de Janeiro, 2011.
- MARIANO, R. *Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil*, Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1999.
- MARIANO, R. Laicidade à brasileira. Católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. *Civitas*, Porto Alegre, v.11, n. 2, p. 238-258, maio-agosto 2011.
- MARIANO, R. Debates do NER, Porto Alegre, v. 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013.
- MARIZ, C. L. Reflexões sobre a reação afro-brasileira à guerra santa. *Debates do NER*, n. 1, p. 96-103, 1997.
- MARIZ, C. L. A teologia da batalha espiritual: uma revisão da bibliografia. *Bib - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 47, p. 33-48, 1999.

REVISTA ESTUDOS
AFRO-BRASILEIROS

Dr. Bruno Barba

- OLIVEIRA, M. D. *A religião mais negra do Brasil*. UFV: Viçosa, 2015.
- ORO, A. P. Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra? *Debates do NER*, n. 1, p. 10-37, 1997.
- ORO, A. P. O sacrifício de animais nas religiões afro-brasileiras: análise de uma polêmica recente no Rio Grande do Sul. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 11-31, 2005.
- ORO, A. P.; CARVALHO, E. T. de.; SCURO, J. O sacrifício de animais nas religiões afro-brasileiras: uma polêmica recorrente no Rio Grande do Sul. *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 229-253, 2017.
- PEREIRA, J. B. Borges. (Org.). *Religiosidade no Brasil*. Edusp: São Paulo, 2012.
- PIERUCCI, A. F. O povo visto do altar: democracia ou demo-filia? *Novos Estudos* CEBRAP, São Paulo, n. 16, p. 66-80, 1986.
- PIERUCCI, A. F. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte. *Ciências Sociais Hoje*, 1989. São Paulo: Vértice/ Editora Revista dos Tribunais/Anpocs, p. 104-132, 1989.
- PIERUCCI, A. F. “Bye bye, Brasil”: O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados* (USP), v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.
- PRANDI, R. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo: Hucitec e Edusp, 1991.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Candomblé, e agora o que acontecerá?

PRANDI, R. *Mitologia dos orixás*. Companhia das Letras: São Paulo, 2001.

PRANDI, R. *Segredos Guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PRANDI, R. Recriações religiosas da África no Brasil. BAGGIO, F.; PA-RISE, P.; SANCHEZ, W., Lopes (Org). *Diásporas africanas e processos sociorreligiosos*. São Paulo: Paulus, 2017, p. 67-93.

PRANDI, R.; JÁCOMO, L.; BERNARDO, T. Trinta anos depois: Realidade e pesquisa das religiões afro-brasileiras do centenário da Abolição aos dias de hoje (1988-2018). *Revista USP*, n. 122, 2019.

RAMOS, C. S.; FARIA, G. Nosso racismo é um crime perfeito. *Revista Fórum*. 9 fev. 2012. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/revista/77/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/>. Acesso em: 5 out. 2020).

SANTOS, R. W.; JÁCOMO, L. V. J. Bolsonaro against Brazilian education. *Reset dialogues*. 12. jun. 2019. Disponível em: <https://www.resetdoc.org/story/bolsonaro-brazilian-education/>. Acesso em 5 out. 2020.

SILVA JR, H. Notas sobre sistema jurídico e intolerância religiosa no Brasil, In SILVA, V. G. da. (Org.). *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007, p. 303-323.

SILVA, V. G. da. (Org.). *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Bruno Barba

SOUZA, J. *A elite do atraso*. Da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, J. *Subcidadania brasileira*. Para entender o País além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

VERGER, P. *Orixás: deuses iorubas na África e no Novo Mundo*. Corrupio, Salvador, 1981.

VIANNA, H. *Il mistero del samba*. Contaminazioni e fantasmi dell'autenticità. Milano: Costa & Nolan, 1998.

■